

## **Do gozo inter-dito ao gozo não-dito : lei e diferença sexual em Lacan**

Cristina Alvares  
(Universidade do Minho)

O título implica que há em Lacan uma passagem ou inflexão no que toca à lei e ao seu correlativo que é o gozo – termo que traduz a palavra ‘jouissance’. Tal inflexão decorre de dois modos de conceber o impacto da linguagem sobre a vida e a sexualidade. Lacan considera que a linguagem é uma estrutura que organiza a vida humana mas ao longo do seu percurso teórico ele passou de uma concepção da linguagem como estrutura fechada e consistente (a ordem simbólica, a combinatória significante), que captura a vida a todos os níveis, a uma percepção da linguagem, logo da estrutura, como inconsistente e destotalizada, que deixa resto. O aforismo que condensa a primeira concepção é o célebre *le symbole se manifeste comme meurtre de la chose*: enquanto que a segunda encontra uma expressão mais adequada em Freud e que se enuncia em francês: *ce qui reste comme chose*, o real que as operações simbólico-imaginárias não conseguem aspirar e que Lacan designa como objecto *a*. A ideia que pretendo explicar sucintamente no âmbito deste artigo é que a noção do gozo interdito releva da primeira concepção da estrutura e a de gozo não-dito da segunda e que o princípio de destotalização é feminino: *pastoute*.

### **Lei: linguagem e interdito do incesto**

Desenvolvendo uma concepção do inconsciente assente na linguística e na antropologia estruturais, Lacan afirma que lei fundamental do sujeito falante é a

linguagem enquanto estrutura que lhe pré-existe e cuja outra face é o interdito do incesto.

*(...) La loi primordiale est donc celle qui en réglant l'alliance superpose le règne de la culture au règne de la nature livré à la loi de l'accouplement (...) Cette loi se fait donc suffisamment connaître comme identique à un ordre de langage (Lacan, 1966 :277).*

No Seminário XI, Lacan escreve :

*C'est ce que le structuralisme moderne a su préciser le mieux, en montrant que c'est au niveau de l'alliance, en tant qu'opposé à la génération naturelle, à la lignée biologique, que sont exercés les échanges fondamentaux – au niveau donc du signifiant – et c'est là que nous retrouvons les structures les plus élémentaires du fonctionnement social, à inscrire dans les termes d'une combinatoire (Lacan, 1973:169).*

Linguagem e interdito do incesto são duas faces da lei que sobrepõe a ordem da cultura (o logos, a razão, a estrutura) à da natureza (vida) e que une no inconsciente o significante e o sexual: porque falamos, há um gozo que nos é impossível e ... interdito. A aspiração do sexual pelo significante traduz nos termos do racionalismo estruturalista a constatação freudiana do período de latência: o desenvolvimento descontínuo da sexualidade infantil, abruptamente interrompido por volta dos cinco anos, sendo específico dos animais falantes, não pode ser imputado à lei da natureza (o instinto). Outra lei regula a sexualidade humana e só pode ser a lei da cultura: linguagem e interdito do incesto.

A castração é a negativização da maturação (aparentemente) natural da sexualidade infantil e corresponde à dimensão sexual da ontologia negativa própria ao pensamento estruturalista (*le symbole se manifeste comme meurtre de la chose*) e que em Lacan se manifesta na definição do sujeito como ‘manque-à-être’ e na rejeição da concepção psicológica do inconsciente em prol duma concepção puramente lógica: *l’inconscient c’est du logique pur*.

O conceito de castração sublinha que, ao contrário de outros inconscientes estruturais, o de Lacan não é apenas lógico, é também sexual (fálico). Para Lacan, o inconsciente não está vazio no sentido lévi-straussiano, já que a sua ontologia negativa é de cariz sexual ; e o sexual é o efeito desvitalizante da incidência do significante que esvazia o sujeito (de ser, de substância). A castração é uma operação estrutural que determina a organização da sexualidade a partir e em torno de um impossível – o impossível de uma satisfação imediata, o impossível do princípio do prazer. Este só se torna possível graças à intervenção do princípio de realidade que difere a satisfação, o que equivale a dizer que a perda (estrutural) do gozo é a condição necessária do acesso ao gozo. Tal acesso consiste na introdução da sexualidade na esfera da significação, o que permite ao sujeito significar o seu desejo e fazê-lo reconhecer pelo Outro (dialéctica do desejo). Essa é a função do Édipo.

A questão que tem sido colocada a propósito do Édipo é a de saber porque é que o impossível tem de ser significado como interdito (do incesto). Ora, tal significação do impossível como interdito é crucial para o sujeito que tem em determinado momento da sua vida de assumir o sentido que a lei tem na sua ‘ex-sistência’, produzindo uma ficção que ‘racionalize o impossível’ (Lacan, 1975), que lhe dê sentido, que lhe dê uma inteligibilidade narrativa sob a forma de conflito familiar. Dar um sentido subjectivo a esse impossível, configurando-o na sua vida pessoal, e ao mesmo tempo dar sentido à

sua vida, elevando-a à condição de ex-sistência em referência a esse impossível é uma operação crucial na estruturação do sujeito do desejo. A significação do impossível como interdito faz aparecer a dimensão da lei e manifesta que a constituição do sujeito do desejo é uma questão ética expressa na máxima freudiana *Wo es war, soll Ich werden*. De facto, a função do interdito do incesto não se reduz à socialização da pulsão sexual (que expulsa da esfera familiar e doméstica para a fazer circular em esferas exogâmicas, aquilo a que Freud chama Eros). Esta é a visão colectiva, social, da lei, que é a que Freud exprime em 1905 nos *Trois Essais*

*Mais l'ajournement de la maturation sexuelle aura permis de gagner le temps nécessaire pour ériger, à côté des autres inhibitions sexuelles, la barrière contre l'inceste et se pénétrer des préceptes moraux qui excluent expressément du choix d'objet, en tant que parents du même sang, les personnes aimées de l'enfance. Le respect de cette barrière est avant tout une exigence culturelle de la société, qui doit se défendre contre l'absorption par la famille d'intérêts dont elle a besoin pour établir des unités sociales plus élevées et qui, de ce fait, tente par tous les moyens de relâcher chez chaque individu, et spécialement chez l'adolescent, le lien qui l'unit à sa famille et qui, pendant l'enfance, est le seul qui soit déterminant (Freud, 1987:169).*

Mas Lacan demonstrou que a questão principal do texto freudiano se prende com a perspectiva subjectiva e com o alcance ético do interdito do incesto. Daí a tese lacaniana de que o pequeno Hans, por exemplo, longe de temer a castração, anseia por ela. Os seus sintomas constituem um pedido dirigido ao pai para que exerça a sua função simbólica que é a de o libertar, pela palavra, da angústia causada pelo desejo materno que faz dele, Hans, o objecto do seu gozo, um gozo imanente ao corpo, aos

sentidos. O sujeito deseja a lei porque a lei é apaziguante e liberta o desejo do objecto empírico, de maneira a que ele possa advir à significação.

### **A lei fálica e a aporia central do estruturalismo**

Assim, o sujeito precisa da lei, deseja a lei e a lei está ao serviço do desejo: *Mais Freud nous révèle que (...) la Loi est au service du désir qu'elle institue par l'interdiction de l'inceste* (Lacan, 1966 :852). Assim, assumir o impossível, assumir essa negatividade que é a castração, significa para o sujeito ocupar um lugar na ordem sexual. A identidade sexual que resulta desse lugar estrutural não tem que coincidir nem com o sexo anatómico nem com o género que é uma construção social historicamente localizável. O advento do sujeito do desejo é irreduzível a dados biológicos (daí o recurso de Freud ao Édipo) mas não é indiferente ao sexo anatómico: não é a mesma coisa um homem e uma mulher ocuparem a posição masculina (ou feminina). O que é importante em Lacan é que a assunção subjectiva da identidade sexual, inerente à introdução da sexualidade na esfera da significação, i.e., da relação lógica, se faz em referência ao significante fálico – que é o significante da dimensão sexual da pura diferença significante, ou seja, da castração. Este conceito não legitima falocentrismos e patriarcalismos nem determina directamente regras, identidades, comportamentos e estilos de vida, porque ele não tem conteúdo positivo nem normativo, mas é pura negatividade que, como tal, desloca as identidades e impede que elas estabilizem e se fixem: \$ é o sujeito que não coincide consigo mesmo, que não encaixa completamente no seu género, um sujeito não-identitário. O significante fálico não é um símbolo da libido masculina; é um símbolo da diferença sexual. Mas, como Slavoj Žižek recentemente argumentou na sua discussão com Judith Butler, a ‘diferença sexual’ aqui

não é nenhuma norma heterossexual já estabelecida; é, isso sim, aquilo que escapa a toda a simbolização normativa (Zizek, 2007:363-4,366). Não há portanto uma identidade masculina e uma identidade feminina (naturais ou culturais, dadas ou construídas, prenhes de conteúdo, como em Jung, ou ocas e puramente formais, como em Lévi-Strauss), cada uma com o seu símbolo (e pulsão) respectivo, uma definindo-se em oposição à outra numa lógica de oposição binária. O significante fálico assegura que ser homem ou mulher não são significações definidas *a priori*.

A Lei do desejo é fálica. Aquilo a que Freud chama o período de latência resulta de *l'érection de la barrière contre l'inceste*, ou seja, da lei do desejo. A metáfora fálica não é por acaso. Na leitura que Lacan faz de Freud, as duas dimensões da lei, a lógica (a lei é linguagem, *logos*, combinatória, articulação significante) e a fálica (a lei é erecção do interdito do incesto), não se identificam propriamente, mas sobrepõem-se para dar ao desejo uma natureza lógica: *Le phallus est le signifiant privilégié de cette marque où la part du logos se conjoint à l'avènement du désir* (1966:692). Isto implica que todo o sexual é subsumido em desejo, que não há gozo fora da estrutura, que o sujeito é imanente à relação significante que o causa. Assim concebida, a estrutura apresenta-se como uma ordem fechada, uma totalidade. E daqui decorre o que Jean Petitot (1985: 62-3) chama a aporia central do estruturalismo (ainda que lhe atribua uma etiologia diferente): o axioma fundador do estruturalismo, o primado da pura diferença, fica bloqueado numa lógica da identidade que faz com que o princípio não-identitário seja tomado como uma diferença estável entre entidades pré-existentes. É o que acontece nas análises de Lévi-Strauss cujas oposições binárias, ainda que vazias de conteúdo, nem por isso deixam de ser analisadas como identidades lógicas complementares, pares, simetrias. E do mesmo modo, o fálico, que qualifica o significante da diferença sexual,

torna-se a qualidade do sexual enquanto tomado na combinatória (desfiladeiro) significante: uma vez na esfera da significação, todo o sexual é lógico, logo, fálico.

Para evitar este círculo vicioso, Lacan teoriza a abertura da estrutura através da noção de real. O real é o excesso da estrutura, o seu para lá interno, o seu resto (objecto *a*). A teorização do real e da inconsistência estrutural tem consequências éticas e não é por acaso que ela se inicia com o seminário sobre a ética da psicanálise. A introdução do objecto *a* como correlativo do sujeito (e não como imagem do eu) implica que o sujeito não está só face à lei, que a lei não é objecto de gozo. Sem o objecto *a*, o sujeito define-se como aquilo que um significante representa para outro significante:  $S1 \rightarrow \$ \rightarrow S2$ . Nesta fórmula o sujeito é reenviado de significante em significante, num circuito fechado delirante, radicalmente estranho ao real. Por outras palavras, o sujeito nada mais seria do que o seu lugar na estrutura, estritamente imanente ao significante que o causa, totalmente determinado por ele. Ora, Lacan vai definir no Seminário XI o objecto *a* como causa retroactiva do sujeito: *livre de chair* que cai aquando da alienação à lei, resto que dá forma mínima à indeterminação do sujeito, à sua radical singularidade. A partir daqui, Lacan considera que o desejo se sustém não apenas da articulação significante (lei) mas também, e sobretudo, do objecto *a*:  $\$ \diamond a$

Para que serviria a erecção do interdito do incesto se fosse unicamente para reintroduzir o sujeito num gozo que sufoca o desejo ? Pois o círculo vicioso da estrutura perverte a função da lei que, em vez de abrir o espaço negativo que sustenta o desejo, se positiviza em imperativo superegóico (fazer do prazer um dever, como dizia Sade, gozar de renunciar ao gozo, gozar de se auto-punir) e se torna ela própria objecto do gozo (a Coisa).

O objecto *a* é o conceito lacaniano que dá conta do alcance simultaneamente epistemológico e ético da inconsistência estrutural na medida em que o bloqueamento

do princípio da diferença pura em lógica de identidade ressoa no plano ético como coisificação da lei fálica em objecto de gozo, de tal maneira que o círculo vicioso do desejo toma como objecto a mesma lei que o liberta dos objectos empíricos. É o objecto *a* que abre passagem ao desejo, pois é nele que *s'incarne l'impasse de l'accès du désir à la Chose* (Lacan, 2004 :313).

### ***Elle n'est pas toute dans la fonction phallique***

O objecto *a* implica então que a lei não é toda fálica, que a estrutura é uma totalidade falhada, esburacada. Mas se, num primeiro tempo, Lacan dá forma de objecto à inconsistência da estrutura, em 1973, no Seminário XX, com as fórmulas da sexuação, ele procede à sua feminização. Que o sujeito não esteja todo na relação significante traduz-se primeiro na fórmula do fantasma ( $\$ \diamond a$ ), e depois nas fórmulas da sexuação em que *La femme n'existe pas (les femmes sont une par une à l'infini)*. Trata-se aqui de uma redefinição da diferença sexual no quadro de uma estrutura destotalizada: em vez de caber na combinatória significante, regulada pelo significante fálico, a sexuação ocupa, por via do feminino, um espaço que não se reduz ao universo estrutural, mas excede-o, cavando no *logos* o abismo do infinito, e consequentemente negativizando a relação estrutural. Por isso *il n'y a pas de rapport sexuel*. Ou seja, há sexual que não é fálico, que não cabe na relação lógica. Depois de ter pensado o excesso como *plus-de-jouir* (objet *a*), Lacan vai pensá-lo como gozo feminino (*jouissance pastoute*).

Num texto de 1960, 'Propos directifs pour un congrès sur la sexualité féminine', Lacan perguntava-se *si la médiation phallique draine tout ce qui peut se manifester de pulsionnel chez la femme* (1966:730). A identificação da sexualidade feminina com o que da pulsão se subtrai à regulação fálica é a base da noção de *pastoute*, modalidade de



gozo que ultrapassa a função fálica : *Ce n'est pas parce qu'elle est pas-toute dans la fonction phallique qu'elle n'y est pas du tout. Elle n'y est pas pas du tout. Elle y est à plein. Mais il y a quelque chose en plus* (1975:69).

*Função fálica* continua a designar o negativo (da castração) mas já não se manifesta como erecção da lei (interdito do incesto). Manifesta-se, ao contrário, como desfalecimento da relação lógica: o sexual não se esgota em desejo unido ao *logos*, mas é o que fica como impasse significante.

Lacan diz no Seminário XX:

*Ce qui laisse quelque chance à ce que j'avance, à savoir que, de cette jouissance, la femme ne sait rien, c'est que depuis le temps qu'on les supplie, qu'on les supplie à genoux – je parlais la dernière des psychanalystes femmes – d'essayer de nous le dire, eh bien, motus ! On n'a jamais pu rien en tirer* (1975 :69).

A frase de Lacan estabelece uma disjunção entre saber e gozo. A única coisa que as mulheres sabem (dizer) sobre o gozo para lá do falo é que o experimentam. A ser saber, é um saber de pura experiência, radicalmente singular e incomunicável, como aquilo a que Freud chamava o 'umbigo do sonho': o seu centro irrepresentável e traumático, que desperta bruscamente o sujeito e que humilha o verbo e a memória. Impossível dizer o que quer que seja do núcleo duro do sonho. O gozo feminino é também uma figura do real que não se deixa instrumentalizar pelo simbólico (a linguagem, o saber, os conceitos). A afirmação segundo a qual o gozo feminino é não-dito e que o seu exemplo mais ilustrativo é o gozo místico tem espantado muitos comentadores de Lacan. Ao situar o gozo feminino num para lá da função fálica e num não-dito, Lacan não está a expulsar as mulheres do simbólico, a tirar-lhes a palavra ou a

confiná-las a um domínio exterior ao racional. Como Žizek sublinhou várias vezes, o negativo presente no conceito de *pastoute* e seus correlativos deve ser entendido não como o negativo que a estrutura cava no real, mas sim como o negativo que o real cava na estrutura e que dá conta da falha significativa que existe no seu seio e que a projecta para fora, além de si mesma. Por isso,  $\neg A$  é correlativo de  $S(A)$ , matema que se lê: não há Outro do Outro. Não há um plano além da estrutura, uma meta-estrutura (metalinguagem) que garanta de fora a sua totalização; não há resposta definitiva ao *Che vuoi?*, não há significante do desejo do Outro que permanece opaco. A inconsistência estrutural é interna, e são as mulheres enquanto conjunto aberto, uma a uma, que abrem no seu seio o abismo do infinito: *Encore !*.

As fórmulas da sexuação tentam circunscrever o real como impossibilidade da relação lógica, mostrando a insuficiência da lógica para dar conta do sexual. Mas esse sexual é já sexuado como *pastoute*, além da função fálica. O sexual é aqui irreduzível ao fálico (enquanto que, no primeiro modelo da estrutura, o sexual era convertido em fálico). O *petita* dá do real uma representação mínima, no limiar do informe, de pequeno objecto, coisa-pouca, resto, olhar. A *pastoute* anula toda a representação, pois não se trata de objecto (que passou para o lado masculina nas fórmulas da sexuação) mas de objecção – objecção ao saber, à tendência totalizante do saber; e uma objecção muda, que inverte a reivindicação histórica de um saber sobre o gozo. Na frase acima citada de Lacan, quando ele se queixa que as mulheres nada dizem ao analista sobre o gozo que experimentam, o analista aparece no lugar do senhor mas em negativo: em vez de uma histórica reivindicando um saber sobre o gozo, o senhor-analista responsabiliza a taciturnidade feminina pela sua ignorância. Mas mais do que objecção, o que distingue *pastoute* de *petita* é o ilimitado, o infinito. Uma das funções essenciais do objecto *a*, delimitar e dar forma ao real, desaparece com a *pastoute*, pois o gozo não-dito não tem

forma de objecto mas de infinito, ou seja não tem forma. O real-infinito inspira-se do teorema de Gödel segundo o qual a noção matemática de infinito não é logicamente controlável, uma vez que há proposições verdadeiras indemonstráveis que impedem o campo das proposições de se totalizar e fechar. O teorema de Gödel desferiu um sério golpe no ideal de metalinguagem. Lacan fez grande caso dele e atribuiu o adjetivo ‘feminino’ a esta falha no Outro:  $\mathbb{A}$  é correlativo de  $S(\mathbb{A})$ .

Ao objectar à metalinguagem e portanto ao universo da ciência, a noção de gozo feminino tem um alcance epistemológico ainda por descobrir e que obrigará a examinar a relação problemática entre psicanálise e ciência com base não na verdade do desejo mas no real de um gozo sem forma objectal nem verbal.

### **Bibliografia**

Freud, Sigmund (1987), *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Paris, Seuil [1905]

Lacan, Jacques (1966), *Écrits*, Paris, Seuil

Lacan, Jacques (1973) *Le Séminaire XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Seuil

Lacan, Jacques (1974) *Télévision*, Paris, Seuil

Lacan, Jacques (1975) *Le Séminaire XX. Encore*, Paris, Seuil

Lacan, Jacques (1986) *Le Séminaire VII. L'éthique de la psychanalyse*, Paris, Seuil

Lacan, Jacques (2004) *Le Séminaire X. L'angoisse*, Paris, Seuil

Petitot, Jean (1985) *Morphogenèse du sens*, Paris, PUF

Zizek, Slavoj (2007), *Le sujet qui fâche*, Paris, Flammarion

